



Universidade de Brasília  
Instituto de Artes  
Departamento de Artes Cênicas

**O TEATRO COMO LINGUAGEM DE  
TRANSFORMAÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR NO  
CONTEXTO DO GRUPO ART'N CENA**

Lorena Ilário Araújo de Oliveira

Brasília, maio de 2021

Lorena Ilário Araújo de Oliveira

**O TEATRO COMO LINGUAGEM DE  
TRANSFORMAÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR NO  
CONTEXTO DO GRUPO ART'N CENA**

Orientador: Prof. Dr. Tiago Mundim

Trabalho de Conclusão do Curso de  
Licenciatura em Artes Cênicas  
apresentado ao Departamento de Artes  
Cênicas do Instituto de Artes da  
Universidade de Brasília.

Brasília, maio de 2021

## RESUMO

---

O presente trabalho visa demonstrar a importância do teatro no ambiente escolar através do depoimento de professores, alunos e ex-alunos que realizaram a prática teatral durante o ensino médio e/ou fundamental. Tendo em vista a influência das práticas teatrais na vida pessoal e profissional de crianças e jovens que fizeram teatro na escola, esta pesquisa relata como tal prática pode interferir diretamente na construção do indivíduo.

Para isso, revisitamos o primeiro grupo do qual fiz parte no *Centro Educacional Católica de Brasília*, intitulado Art'n Cena. Através da história do grupo, trouxemos a didática utilizada pelos professores e depoimentos de alunos que se sentiram impactados positivamente após a participação no mesmo. Também trouxemos depoimentos de alunos que ainda fazem parte do grupo, e que mesmo durante o período de ensino a distância sentem alterações positivas graças a prática teatral.

Com base no meu período de docência, também demonstro a evolução das minhas turmas no *Instituto Claude Debussy*, com estudantes de 5 a 13 anos, através de técnicas abordadas por Viola Spolin, Stanislavsky, Peter Brook e Ariane Mnouchkine.

E por fim, realizamos entrevistas com professores de teatro/artes de Brasília, tanto de instituições públicas quanto particulares, e com ex-alunos de instituições de ensino que adotavam a prática teatral em ambiente escolar.

**Palavras-chave:** arte e educação. desenvolvimento. formação. teatro na escola. pedagogia do teatro.

## **AGRADECIMENTOS**

---

Primeiramente, agradeço a minha avó. Sem ela eu não teria continuado nas aulas de teatro pois na primeira nota baixa minha mãe já teria me tirado. Obrigada por enfrentar minha mãe, vó. Só a senhora tinha essa coragem mesmo.

Agradeço aos meus pais por terem sempre me fornecido o melhor que podiam, não só no quesito educação, mas em tudo. Agradeço aos meus irmãos por serem os meus melhores amigos. Agradeço ao Victor, por sempre acreditar em mim quando nem eu mesma acredito.

Agradeço aos meus amigos de turma, por serem meu incentivo diário para finalizar esse curso e por todas as manhãs, tardes e noites na UnB. Sem dúvida vocês são “o semestre” mais lindo que eu poderia ter encontrado.

A todos os meus professores, mas em especial Fernando Villar, César Lignelli, Sulian Vieira e o Laranjeiras, por mudarem toda a minha concepção de docência. O carinho, o brilho no olho, a vontade de fazer dar certo e o amor pela arte de vocês me marcará para sempre.

Ao meu orientador, Tiago Mundim, por sempre me incentivar, me ensinar e não desistir de mim mesmo após tanto tempo de escrita desta monografia. Tiago, eu não sei se já te disseram, mas quero registrar aqui o quanto você é um artista/professor/ser humano incrível! Cada orientação me fazia perceber o quanto podemos ser melhores, o quanto nosso conhecimento é a chave para abrir diversas portas e o quanto eu quero ser como você quando eu crescer. Obrigada mesmo, Tiago. Que sua estrada seja sempre iluminada, eu serei sempre grata.

A minha banca, por tirar boa parte do seu tempo precioso para ler o meu trabalho. O tempo é o bem mais valioso que temos, reconheço isso e agradeço imensamente.

E por fim, esse TCC é uma dedicatória aos meus professores Émerson Gerin, Alana de Azevedo, Jéssica Ranny e a todos os meus amigos do Art'n Cena. Este TCC é a prova de que o trabalho de vocês é capaz de mudar vidas. Vocês mudaram a minha e me incentivaram a fazer isso com cada aluno que passar por mim. A vocês, o meu muito obrigada.

## SUMÁRIO

---

RESUMO .....	3
AGRADECIMENTOS .....	4
SUMÁRIO.....	5
INTRODUÇÃO .....	6
BREVE PANORAMA DO SURGIMENTO DO TEATRO NA EDUCAÇÃO.....	9
O SURGIMENTO DO TEATRO NA MINHA EDUCAÇÃO.....	10
A PERSPECTIVA DE UMA (QUASE) ARTE-EDUCADORA.....	17
ENTREVISTAS COM ARTE-EDUCADORES .....	23
O IMPACTO DO TEATRO SOB A ÓTICA DOS ESTUDANTES .....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS .....	33
APÊNDICE 1 – ENTREVISTA COM YURI COSTA.....	34
APÊNDICE 2 – ENTREVISTA COM GALILEU HENRIQUE.....	36
APÊNDICE 3 – ENTREVISTADO 01 .....	38
APÊNDICE 4 – ENTREVISTADO 02 .....	39
APÊNDICE 5 – ENTREVISTADO 03 .....	41
APÊNDICE 6 – ENTREVISTADO 04 .....	43
APÊNDICE 7 – ENTREVISTA COM GABRIELE.....	45
APÊNDICE 8 – ENTREVISTA COM NAYARA LIMA.....	47
APÊNDICE 9 – ENTREVISTA COM JOHN SEABRA .....	49
APÊNDICE 10 – ENTREVISTADO 05 .....	51
APÊNDICE 11 – ENTREVISTA COM OLIVER OLIVEIRA .....	52
APÊNDICE 12 – ENTREVISTA COM GABRIEL NEVES .....	54
APÊNDICE 13 – ENTREVISTA COM VICTOR FERNANDES .....	56
APÊNDICE 14 – ENTREVISTA COM LUIZA VELOSO .....	58

## INTRODUÇÃO

---

Minha primeira memória com o teatro começa no dia que reproduzi as cenas de Chiquititas com minha prima. Nós colocávamos o CD para tocar e criávamos várias esquetes baseadas nas canções. Depois, passamos a cobrar ingresso da minha irmã e cunhado para assistir nosso espetáculo baseado nos quadrinhos da Mafalda, e todos os anos fazíamos apresentações para a nossa família na noite de natal. Já na escola, eu só conseguia estudar história criando roteiros e ensaiando meus bonecos de pelúcia para decorar a matéria. Conteí para o meu professor, e antes de cada prova nós reuníamos toda a classe para ouvir as minhas explicações roteirísticas do conteúdo.

Em 2011, entrei na turma de teatro da escola por insistência da minha avó, Luiza Araújo de Melo. Apesar de ser uma vontade minha, a timidez sempre me impedia. A minha avó nunca havia ido ao teatro, e dizia que só iria para me assistir. Dizia que as minhas apresentações de ginástica eram muito chatas, e que o teatro me faria ver o que era apresentar algo bom de verdade. Apresentei, e ela foi. Levou uma rosa, um lápis e um papel para mim, dizendo que ali eu começava a escrever minha história. Desde então, não parei nunca mais.

A jornada teve início no grupo da escola, intitulado *Art'n Cena*, dirigido pelos professores Êmerson Gerin, Alana de Azevedo e Jéssica Ranny. O que para muitos era brincadeira, no *Art'n Cena* era levado mais que a sério. Ensaiávamos 20 horas semanais, sem contar com fim de semana e feriados.

Até hoje, mesmo quem seguiu uma carreira não-artística, é envolvido com a arte de alguma maneira. Dentre os principais aprendizados para além do fazer artístico, alunos e ex-alunos relatam que o teatro os tornou mais comprometidos, especialmente com relação ao cumprimento de horários. A proatividade e a criatividade para solução de problemas se tornou um diferencial no mercado de trabalho.

Após o fim do ensino médio em 2013, fui convidada para integrar a companhia *CopenhArte*, que contava com cerca de quinze integrantes, era dirigida por Paulo Gomes e localizada no Recanto das Emas, focada na produção de peças infantis para escolas. A partir desse momento, decidi que levaria o teatro como uma profissão, e não mais como um hobby.

De todas as áreas do teatro, a que eu mais me identificava (e identifico) é o teatro musical. Por isso, decidi aprofundar os meus estudos e ingressar no curso de teatro musical do *Instituto Claude Debussy*, em 2014. Finalizei o curso em 2017, e fui convidada para compor o quadro de professores do *Daycare* (projeto do instituto que visava proporcionar atividades

artísticas e esportivas no período de contraturno do ensino infantil e fundamental) no mesmo ano, como professora de teatro musical.

Durante a minha trajetória como professora, consegui perceber na prática como o ensino do teatro modificava a vida dos meus alunos. Como exemplos, cito alunos extremamente tímidos que tinham dificuldades até para pedir para ir ao banheiro, e ao fim do ano se tornaram protagonistas da peça da escola, e alunos taxados como “problemáticos” que desabafavam e conseguiam expressar seus incômodos através de jogos teatrais.

Partindo do princípio de que o teatro deve ser feito em grupo, dando a devida importância não só para os colegas atuantes, mas a todos os profissionais envolvidos em questão, também podemos ressaltar a importância do teatro para o desenvolvimento social e pessoal. Afinal, para além da desinibição e oratória, as práticas teatrais na escola auxiliam no desenvolvimento emocional reduzindo o índice de doenças psicológicas.

Em seu artigo, Gherardi-Donato (2016) utiliza como instrumento de pesquisa o Grupo *Teatro e Saúde Mental*, mantido pela *Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto* da USP. O grupo realiza oficinas de improvisação, onde os atores e participantes são pacientes com transtornos mentais. Colaboradores afirmam que a prática auxilia na concentração, memória, atenção, confiança e linguagem, além de preparar o grupo para a realidade fora do hospital. Através dos jogos, os pacientes encontraram um ambiente seguro e livre de julgamentos para demonstrar suas emoções e desenvolver o autoconhecimento.

Pôde-se verificar que, ao estimular diferentes habilidades gerais, tais como criatividade, atenção, orientação, memória, raciocínio, reflexão, sensibilidade, expressão vocal e corporal, criou-se elementos para uma relação profissional-paciente menos engessada e mais contextualizada. Além disso, através da valorização dos participantes, foi possível despertar sentidos, emoções e trocas de vivências, bem como estimular o pensar e o desenvolvimento cognitivo-comportamental e de habilidades sociais de cada qual, cujas experiências vividas no grupo desvelaram-se como referência para as situações reais do cotidiano (Donato, 2016, p. 1).

Donato (2016) afirma ainda que, quando se trata de instrumento terapêutico, o teatro ultrapassa a expressão artística, pois se trata de uma atividade que envolve o relacionamento e o desenvolvimento de habilidades sociais nos indivíduos em geral.

O teatro fazia parte da rotina dos pacientes em regime de semi-internação, e a participação de pacientes pós-alta também era permitida, onde as oficinas tinham foco no “desenvolvimento das habilidades dos participantes a partir de jogos teatrais, nos quais foram utilizadas técnicas de exploração sensorial, musicalidade, expressão corporal, ritmicidade, improvisação, coordenação motora e mobilidade corporal” (Donato, 2016, p. 76).

O objetivo principal desta pesquisa é fazer um breve levantamento sobre a potência da linguagem teatral no ambiente escolar para alunos do ensino fundamental e médio de Brasília, utilizando-a como ferramenta para desenvolvimento pessoal e de inteligências múltiplas.

Para isso, foram feitas entrevistas *online* e presenciais com estudantes que fizeram ou ainda fazem parte de grupos escolares de teatro (no Centro Educacional Católica de Brasília, Marista Champangat, dentre outros) e com professores atuantes da área, localizados em Brasília. Também trago relatos de oficinas ministradas por mim durante os quatro anos que estive em sala de aula no *Instituto Claude Debussy* e na escola *Teatro dos Ventos* além de observações realizadas em estágios no *Centro Educacional Católica de Brasília* e *Studio Jota – Escola de Atores*.

Além dos estudantes, professores de teatro também participaram de entrevistas online para comentar sobre suas experiências em sala de aula e o impacto do ensino do teatro na vida de seus alunos. A pesquisa foi realizada durante o período de pandemia da COVID-19, doença responsável pelo isolamento social e fechamento de instituições de ensino, as quais adotaram a modalidade de ensino remoto, e por isso, também trouxemos um breve relato sobre a perspectiva do ensino do teatro durante tal período sob a ótica dos alunos do ensino médio do *Centro Educacional Católica de Brasília*.

## **BREVE PANORAMA DO SURGIMENTO DO TEATRO NA EDUCAÇÃO**

---

O teatro é utilizado como ferramenta de educação desde o século V a.C, onde a educação ateniense era baseada em música, esportes e literatura, como expresso por Richard Courtney (1980, p. 05). Na Idade Média, o teatro era muito utilizado pela Igreja católica “com o propósito de aproximar o povo iletrado das histórias e ensinamentos eclesiásticos” (HANSTED; GONH, 2013, p. 201). Ainda segundo as autoras, Martinho Lutero afirma que o teatro auxiliava na aprendizagem do latim e comportamentos considerados corretos.

Já no Brasil, o teatro foi utilizado pelos catequistas sob o mesmo pretexto da Igreja Católica na Idade Média para “repassar seu conhecimento” aos indígenas.

A primeira escola no Brasil a ter algum tipo de arte como matéria foi a *Academia Imperial de Belas Artes* em 1816, que inseriu o desenho geométrico como disciplina em seu currículo escolar. Décadas depois, o *Colégio Dom Pedro II* incorporou em sua tabela de estudos a música, o desenho figurado e a poética.

As escolas passaram a realizar práticas teatrais em datas comemorativas, e ao final da década de 40, a arte passou a ser tratada como método de desenvolvimento expressivo e experiência de aprendizado. Apenas no final do século XX, a virada do século no Ocidente começou a exigir do ator “um longo período de formação, que justifica por si só a existência, em nossos dias, das escolas de arte dramática” (Bornheim, 1992, p. 21).

Em 1971, a educação artística passou a se tornar obrigatória por lei, podendo ser ministrada através da música, artes plásticas e desenho durante cinquenta minutos por semana. A partir desse momento, a formação de professores em educação artística passou a ser exigida para ministrar tal matéria.

## **O SURGIMENTO DO TEATRO NA MINHA EDUCAÇÃO**

---

Já na minha educação, o teatro surge em meu primeiro ano do ensino médio em 2011, com o grupo Art'n Cena dirigido pelo professor Émerson Gerin. Atualmente, Émerson atua como coordenador de arte e cultura no *Centro Educacional Católica de Brasília*. O professor Émerson Gerin se formou em artes plásticas, na *faculdade Dulcina de Moraes*, localizada em Brasília, e passou a dar aulas de artes visuais no *Centro Educacional Católica de Brasília (CECB)*.

No documentário em homenagem ao grupo intitulado *Art'n Cena: 10 anos de merda* localizado no *YouTube*, as principais figuras do grupo relatam a trajetória do mesmo. Em 2002, com a chegada do novo diretor no *CECB*, Émerson propõe a criação de um grupo de teatro, até então sem nome definido, e seleciona alguns alunos para apresentação de uma peça de teatro intitulada *A Pata do Gorila* para o dia das mães naquele mesmo ano. Após votação entre os integrantes, o nome *Art'n Cena* foi escolhido e o slogan foi criado por uma das integrantes.

Émerson conta que a criação do grupo marca um período de liberdade e curiosidade do público que até então não tinha acesso ao teatro dentro da escola. O professor também relata que foi necessário criar uma cultura para que o público se acostumassem a assistir peças de teatro, uma vez que os alunos espectadores não respeitavam os alunos atuantes. Para isso, foi necessário trazer uma peça de cunho mais sério, e o grupo se consolida com o espetáculo *Bang Bang Você Morreu*, onde a trama traz um adolescente que vive em “crises de consciência”, abordando transtornos psicológicos, bullying, tiroteios em escolas e suicídio.

Após alguns anos, em 2008, Alana de Azevedo, integrante do grupo desde o seu início, conta que foi deixar o currículo na escola para uma vaga de secretária e, por coincidência, Lívia, ex-diretora do grupo havia acabado de pedir demissão. Alana já era professora de teatro e pediu para conversar com Émerson, que ainda coordenava o grupo. Naquele mesmo dia, os alunos apresentaram uma peça para o novo corpo de professores da instituição, e Alana relata que se impressionou com a qualidade do que foi apresentado e a discrepância entre o grupo atual e suas memórias do grupo em 2002. Além dos aparatos técnicos, como som e iluminação, o grupo se assemelhava a grupos de teatro profissionais, nas palavras dela.

Jéssica Ranny, ex-aluna e ex-integrante do grupo, saiu do ensino médio em 2008, mas voltou para auxiliar o grupo tanto em 2009 quanto em 2010, tanto na equipe técnica quanto substituindo eventuais saídas de atores. Em 2011, Émerson assume a coordenação de arte e

cultura da escola, e Jéssica Ranny assume sua posição como diretora do grupo junto com Alana de Azevedo.

Ingressei no grupo também em 2011, no primeiro ano do ensino médio. No primeiro momento entrei porque gostava muito de arte no geral, mas principalmente porque meus amigos mais próximos estavam lá. A ideia do festival de teatro citado no próximo capítulo veio do *Art'n Cena*, onde todos os “calouros” do teatro criavam pequenas esquetes para apresentação, e os veteranos ficavam na equipe técnica, sonoplastia e iluminação.

Os meus amigos mais próximos saíram do teatro, e foi a partir desse momento que percebi que estava ali por amor à arte, não mais pelas companhias. Lembro que minha diretora me falou que precisava que aquela força de vontade se tornasse garra, uma frase que me marca até hoje.

Fiz parte do grupo por três anos, onde o primeiro foi essencial para que eu entendesse o ritmo do grupo e a responsabilidade do fazer teatral. Tinha diversos problemas com horários (e já fui cortada da peça em sua estreia por isso), em lembrar de cada figurino que precisava ser levado (e quase fui cortada novamente, se não fosse pela ajuda dos meus colegas que literalmente cortaram o seu figurino para criar o meu), a responsabilidade do texto decorado para que a cena fluísse e o comprometimento com o meu rendimento escolar (problema que me acompanhou até o final do ensino médio), uma vez que textos dos testes para os personagens principais só eram entregues para aqueles com maiores notas.

No segundo ano, já entendendo a dinâmica do grupo, o foco principal era a naturalidade dos textos, interpretação e profundidade dos personagens. O método dos diretores era baseado em Constantin Stanislavski e Peter Brook, voltado especialmente para o realismo.

Já no terceiro e último ano como aluna, foi necessário entender a importância da referência e do exemplo, uma vez que eu era veterana e muitas vezes monitora dos calouros. Assim como no *Théâtre du Soleil* de Ariane Mnouchkine, desde a entrada no grupo, nós éramos ensinados a observar os mais velhos. Como Elisa de Almeida afirma em seu artigo, para Ariane o ator precisa ser côncavo e convexo, ou seja, que é preciso receber do outro para depois reagir (p. 37, 2019).

Com as turmas se multiplicando, nossas diretoras nos passavam determinadas cenas para dirigir e sugerir mudanças. A partir dali comecei a tomar gosto pela direção, entender como funcionava o processo de criação, e até mesmo propunha alguns jogos teatrais para que os alunos conseguissem entender o que era pedido pelas diretoras. Os bastidores passaram a

me interessar mais do que os palcos, e comecei a cogitar a ideia da licenciatura, sob forte influência das referências que tinha.

Também quero ressaltar a importância de participar do *FETO (Festival Estudantil de Teatro de Belo Horizonte)* por três anos seguidos, dois como atriz e um como técnica de iluminação. Trocar com outros alunos, ter a experiência de apresentar em outra cidade e assistir espetáculos totalmente diferentes do que estávamos acostumados mudou a nossa visão sobre arte e seu fazer.

Saí do grupo em 2013, após minha conclusão do ensino médio, mas continuei acompanhado o *Art'n Cena* durante algum tempo mesmo após minha formação. Uma vez que demonstrei interesse pela direção, minhas ex-diretoras sempre me deram liberdade e abertura para participar das aulas, como ouvinte e mediadora.

Em 2019, escolhi o *Centro Educacional Católica de Brasília* como instituição de ensino para observação durante a disciplina de estágio. Logo de início, notei diversas mudanças como:

1. Até então, só era permitido o ingresso de estudantes no grupo a partir do 8º ano do ensino fundamental, mas, a partir daquele ano, o teatro foi adotado como atividade do contraturno escolar para alunos a partir do 5º ano;
2. Anteriormente, todos os esportes e modalidades culturais eram gratuitos, sujeitos apenas a lista de espera em caso de superlotação. Desde 2015, com a mudança da direção, tanto os esportes quanto as modalidades passaram a se tornar uma atividade paga, reduzindo consideravelmente o número de integrantes no grupo;
3. Ao final de 2015, o teatro é excluído da grade de atividades culturais, pois a quantidade de alunos pagantes não era suficiente para manutenção da atividade. Por isso, os alunos realizaram um abaixo assinado para volta da modalidade de forma gratuita, e em 2016 o grupo é retomado como uma “proposta pedagógica”;
4. Enquanto realizávamos peças com temas livres, escolhidas por nossos diretores, o novo grupo realiza peças voltadas especialmente para a adaptação de obras do PAS (para as turmas a partir do 8º ano);
5. Diante da nova proposta, o grupo não se chamaria mais *Art'n Cena*. Alguns alunos o apelidaram de *Carnavalia*, tendo como significado a música dos *Tribalistas* e a relação com o carnaval, uma vez que as escolas de samba ensaiam o ano inteiro para 45 minutos de apresentação. Os alunos comparam com a quantidade de vezes que os ensaios ocorrem para alguns minutos de apresentação que, segundo eles, fazem tudo valer a pena;

6. Na sua criação em 2002, o grupo contava com cerca de 10 estudantes. Já no início de 2020 o grupo possuía 54 integrantes, e contava com uma lista de espera que chegou a atingir mais de 45 alunos do 8º ano do ensino fundamental até o 3º ano do ensino médio;

Como é possível notar, muitas coisas haviam mudado, mas existem algumas que nunca encontrei em outro lugar: o senso de grupo, de coletivo e a vontade de “fazer acontecer”. No meu primeiro dia de estágio, os adolescentes (do oitavo ano ao ensino médio) ficaram desde as 14h até 21h, em um dia e horário que não são comuns de suas atividades teatrais apenas montando e remontando o cenário da sua apresentação. Faziam isso com um sorriso no rosto, contando piadas entre si e com a vontade de dar o seu melhor.

O mesmo aconteceu no dia da apresentação, que originalmente deveria ser finalizada às 11h30, mas o público gostou tanto que as filas não paravam de se formar, e, por isso, repetimos o espetáculo até que todos interessados tivessem assistido, finalizando apenas às 13h. E em cada sessão os alunos seguiam com um sorriso no rosto de trabalho cumprido. O espetáculo era baseado na trama de Lewis Carrol, Alice no País das Maravilhas. Ocorreu dentro de uma sala onde o cenário formava uma espécie de labirinto, em cada espaço acontecia uma cena e o público era redirecionado para o próximo “túnel”. O público se encantou com o novo formato, um dos principais motivos para a formação de filas tão grandes.

Meu contato com a turma de adolescentes citada foi breve, uma vez que meu foco e meus horários se restringiam ao contraturno, com crianças do 5º ao 7º ano. As aulas eram duas vezes por semana, com cinquenta minutos cada uma.

O teatro era a última atividade do dia, e, sem exceção, a última atividade do dia é sempre um problema em todas as instituições que trabalhei. Isso acontece porque as crianças estão extremamente agitadas em virtude das aulas anteriores, além da proximidade com o horário de saída.

No começo do semestre, elas se limitavam a correr deliberadamente pelo espaço. Nós (eu e a professora regente, Jéssica Ranny) que a insistência para que elas entrassem no ritmo dos estudantes mais velhos era em vão. Era necessário entender primeiro o ritmo delas para encontrar um meio termo entre ambos.

Depois de um tempo, percebemos que os jogos favoritos delas envolviam os personagens, e foi aí que escutei uma das melhores frases da minha pequena jornada de docência: “- Poxa tia, não fizemos nenhum personagem hoje! Passei o dia todo sendo eu!”.

O intuito principal da escola era que esse grupo de teatro focasse em apresentações de datas comemorativas como: dia das mães, páscoa, dia da família e derivados. Aceitamos apenas a páscoa, certos de que não faríamos nada próximo do convencional.

Perguntamos para as crianças o que significava páscoa para elas e tivemos o seguinte relato: “Páscoa lá em casa é confuso, tia. Têm umas pegadas de coelho que não sei se foram dele ou se foi minha mãe que deixou lá”. Pronto, já tínhamos o mistério da nossa peça! Só que dessa vez, resolvemos fazer um filminho, contando com as tecnologias que a escola oferece. No fim, descobrimos que na verdade o coelho se disfarça de mãe e ainda reavivamos o sonho de diversas crianças que já não acreditavam mais em coelhinho da páscoa.

Nos “livramos” das obrigações, e começamos a montar nossa primeira peça. Escolhemos uma peça infantil que já havia sido feita na escola, e adaptamos ao máximo para a idade dos pequeninos. Ficamos apreensivas com a escolha de personagens, visto que as audições pareciam muito duras para o primeiro contato com o mundo teatral. Todos experimentaram um pouquinho de cada personagem e fomos encaixando no que cada um se identificava mais. Deu certo. Eles ficaram felizes com nossas escolhas e empolgados para viver novas vidas.

A peça envolvia os astros. Tínhamos estrelas, vênus, jupiterianos, marcianos, Sol, Lua e uma menininha que gostaria de ser astronauta. Cada um dos núcleos tinha um monitor responsável, os quais as crianças acabaram se apegando e tendo como referência.

Os ensaios eram divididos por núcleos, e as crianças tomaram muito gosto pela coisa. Ensaiavam incansavelmente, sempre queriam repetir tudo desde o início e ficavam ansiosas pela aula de teatro, algo que não acontecia até então, visto que elas vinham direto do parquinho para a aula de teatro. A concorrência era desleal, mas vencemos.

No dia da apresentação, ao fazer o agradecimento de praxe, a protagonista de 8 anos disse: “Obrigada pela presença de todos! Nós trabalhamos duro e eu amei cada segundo”. E para mim, o teatro é isso. Trabalhar sim, e muito. Mas amar cada segundo dele.

Atualmente, as atividades no período de contraturno estão suspensas em razão da pandemia, e está sendo estudado o retorno de forma híbrida (presencial e online).

Em 2020, para os alunos a partir do oitavo ano, as atividades teatrais ocorreram de forma online. Neste mesmo ano foi criado um perfil no *Instagram* para que o grupo conseguisse compartilhar suas esquetes e espetáculos em formato de *lives* e publicações.

Como adaptação do *Festival de Teatro*, onde as esquetes eram apresentadas, os alunos realizam um *Festival de Curtas virtual*. Eles se dividiram em grupos e criaram oito curtas metragens de 3 a 20 minutos tendo como base as obras de literárias do PAS do ano de 2020.

Oficinas básicas de audiovisual foram realizadas com convidados, para que os alunos compreendessem outras facetas da interpretação, ângulos de câmera, elementos necessários para composição de cenário voltado para a TV e outros.

Os curtas foram publicados no dia 4 de novembro de 2020, onde o público pôde votar em seu favorito por meio de curtidas e comentários via Instagram. Além disso, uma votação online foi feita com ex-alunos e professores de Brasília, onde os mesmos puderam votar em categorias específicas como melhor atriz, melhor ator, melhor figurino, maquiagem, sonoplastia, cenário e roteiro através de um formulário do *Google*.

No dia 19 de novembro de 2020, foi realizada uma cerimônia de premiação (também online), apresentada pela banca avaliadora composta por ex-alunos e a diretora do grupo, Jéssica Ranny. Todos estavam a caráter, vestidos de gala, e os pais entregaram estatuetas semelhantes às do Oscar para os alunos premiados. Ao final, cada aluno foi premiado em ao menos uma categoria. O evento contou mais de 14 mil interações nas redes sociais, e a diretora destacou a importância do apoio da família mesmo diante do distanciamento social.

Ao ser questionada (via entrevista *online*) sobre as principais diferenças entre o presencial e o EAD, a professora Jéssica Ranny destaca que a comparação é difícil, porque são duas coisas muito diferentes. Ranny relata que por mais que não fossem trabalhados aspectos técnicos, pensando em formação técnico-artística, eram trabalhados aspectos como percepção, senso crítico, percepção de mundo, formação da identidade, autorreconhecimento, autoaceitação, autonomia, responsabilidade, dentre outros. Para Ranny e seus alunos, no presencial se fazia o teatro “de verdade”. Ao passar para o online, foram feitas cenas de teatro adaptadas para videochamadas, mas a diretora acabou percebendo que tudo estava voltado para teatro em vídeo, e, para eles, isso não funcionava.

Então, começaram a focar no audiovisual, e os alunos começaram a se voltar para ferramentas que não eram utilizadas no palco em hipótese nenhuma, como edição. O máximo de elementos audiovisuais utilizados eram as projeções, e em poucos espetáculos. Daí surgiu a ideia do Festival de Curtas, uma vez que eles já não estavam fazendo o teatro que costumavam fazer, estavam fazendo filmes. No sentido do aproveitamento, o resultado foi super positivo.

Em 2021, com a adoção do ensino híbrido no *Centro Educacional Católica de Brasília*, a intenção inicial era realizar a retomada de atividades presenciais do grupo, porém, com o aumento de casos de contágio dentro da instituição, as atividades estão suspensas até

segunda ordem. Algumas experimentações estão sendo realizadas de forma *online* com a turma de monitores<sup>1</sup>.

Questionei os alunos sobre as principais diferenças entre a prática teatral presencial e a distância, e eles relataram que por mais que prefiram as atividades presenciais, o teatro permanece sendo a “válvula de escape”. Eles também destacaram que a relação com a família mudou bruscamente com o teatro *online*, uma vez que a maioria tinha diversos receios ao se deparar com a família assistindo os ensaios e até mesmo as apresentações. Hoje, eles contam que já se tornou algo natural. Pedem para os pais assistirem os ensaios, gravarem e até comentarem sobre possíveis melhorias com relação as performances.

---

<sup>1</sup> Uma espécie de turma de teatro avançado com alunos do ensino médio

## **A PERSPECTIVA DE UMA (QUASE) ARTE-EDUCADORA**

---

Após sair do ensino médio em 2013, o meu primeiro contato como arte-educadora foi em 2014, na monitoria do *Studio Jota – Escola de Teatro*. A escola era dirigida pelo ator Jota Junior, produtor e criador da *Sopa de Teatro*. Para manter minha bolsa de estudos integral na escola, trabalhei como monitora da turma infantil de interpretação para TV, com alunos de 5 a 7 anos.

Como citado anteriormente, em 2017 fui contratada pelo *Instituto Claude Debussy* como professora de teatro musical infantil. Ao final de cada aula, um por um dizia o que mais tinha gostado no dia, e uma das falas que mais me chamou atenção partiu do meu aluno Carlos<sup>2</sup>, de 5 anos: “Eu amo a aula de teatro porque eu adoro ser outros, tia. E é mais legal ainda quando meus amigos também são. Aí a gente pode ser todo mundo.”

Para as crianças, as aulas de teatro eram as mais divertidas. Afinal, era o momento de brincar! Durante as aulas, eles representavam suas maiores referências: os adultos a sua volta, personagens e ídolos da infância. Aristóteles (1984) afirma que desde a infância, o homem tende representar ações e sentir prazer ao fazê-lo. O filósofo relata ainda que toda a arte se trata de uma imitação, diferenciando apenas o meio, objeto ou modo de se imitar.

Para as crianças, o brincar nada mais é do que a representação de ações do seu cotidiano. Dentro da brincadeira elas encontram formas de contar suas histórias, criando sua maneira própria de se relacionar com o outro.

Uma das professoras entrevistadas que preferiu não se identificar relata que “o fazer teatral está diretamente ligado à exploração da complexidade humana e todas as formas que se pode assumir, mesmo que temporariamente” (APÊNDICE 6).

Seguindo a ideia de Aristóteles e Platão, que definiam a atuação como uma *mimese* da vida real, a construção de outra realidade no palco a partir da relação de organismos vivos, em turmas com alunos de 4 a 6 anos no Instituto Claude Debussy, as aulas de teatro costumavam ser chamadas de “aulas de faz-de-verdade”. Trocamos o “faz-de-conta” por “faz-de-verdade” para que desde pequenos eles entendessem que o teatro não se trata de mímica, imitações ou “fazer de conta”.

---

<sup>2</sup> O nome do aluno foi alterados de modo a manter sua respectiva identidade em sigilo.

Platão acreditava que o homem teria em si memórias do mundo superior - ou Mundo das Ideias - e que o treinamento servia para recuperar essas memórias no corpo do artista. Já Aristóteles refutava essa ideia de Platão e acreditava que o ser humano seria capaz de absorver novas habilidades ou conhecimentos a partir de uma faculdade mental infalível, que o permitiria aprender qualquer atividade a partir da repetição e da práxis, a partir de um corpo bem treinado para a apreensão e construção de suas habilidades (SELIONI apud MUNDIM, 2018, p. 73).

Tiago Mundim (2018, p. 74) ressalta a importância de tal “treinamento” para o ator-cantor-bailarino do teatro musical, e de maneira lúdica, transformamos a proposta em uma espécie de jogo, onde nós não poderíamos deixar que o público percebesse qualquer resquício de nós, apenas do personagem que estava sendo ali representado. Se qualquer característica pessoal os “escapasse”, os alunos perderiam o jogo.

Para isso, tínhamos uma preparação: iniciávamos a aula com cada um deles tirando o sapato e se deitando no chão. Como proposto por Ariane Mnouchkine se estabelece uma relação triangular entre a música, o diretor (neste caso, o professor) e os colegas de cena, e, pouco a pouco, os atores saem do tempo lento do cotidiano, os personagens aparecem e a música aparece com eles (STELZER, 2013).

Juliana Birchal, ex-integrante do *Théâtre du Soleil*, relata em seu diário de bordo que é preciso que o ator - que é uma pessoa comum - deixe a vida cotidiana para trás e se permita mergulhar no universo da imaginação. É essa a função do ritual. Ali, no chão mesmo, nós deixaríamos todos os nossos problemas, nossas características mais marcantes, o que vivemos naquele dia, tudo para que o personagem pudesse aparecer de corpo e alma. Durante o período de ensaios, com personagens já estabelecidos, ao levantar, cada um seria aquele personagem.

A partir do momento em que se levantavam, os alunos passavam a agir como os seus personagens. De que maneira eles interagiam entre si? Como se relacionavam com os seus pais, no caminho para a escola, na hora do intervalo? Em diversas aulas, as propostas relacionais presentes no jogo eram tão boas que se tornavam cenas do espetáculo. Por serem feitas por eles, e não escritas por mim, eram sem dúvidas as cenas que mais se divertiam, e por consequência, o público também.

Tais afirmativas justificam a fala do Carlos, que relata que eles poderiam “ser” todo mundo, uma vez que nos palcos nós não fingíamos, nós éramos. A partir disso, já era possível notar a diferença no modo de socializar com os outros colegas e na empatia ao se colocar no lugar do outro. Nesta idade, os alunos demonstram menos resistência e menos receios, afinal, tudo é um grande jogo no qual todos nós saíamos ganhando.

A importância da diversão justifica-se porque imitar a realidade brincando aprofunda a descoberta e é uma das primeiras atividades, rica e necessária, no auxílio do processo de eclosão da personalidade e do imaginário que constitui um meio de expressão privilegiado da criança. Arte é forma de conhecimento, pois envolve a história, a sociedade, a vida. Não está apenas ligada a ideia de prazer estético, contemplação passiva, mas ao contrário, é dinâmica e representa trabalho já que possui forças materiais e produtivas que impulsionam as relações históricas e sociais e levam o homem à compreensão de si mesmo e da sociedade (CAVASSIN, 2008, p. 41).

Nesta fase, a dramatização também pode auxiliar na alfabetização do aluno. Pomme Lima Kuffel conta que sua filha, Bia Kuffel<sup>3</sup>, (uma das minhas alunas no *Instituto Claude Debussy*) aprendeu a ler durante os ensaios de *Annie*, espetáculo produzido pelo *Ateliê de Cultura* no ano de 2018 em São Paulo.

Bia Kuffel repassava suas falas diariamente com a mãe, diretora e colegas de cena, e passou a relacionar as letras ao que era sempre repetido em cena. Por se tratar de um musical, as músicas também serviram como auxílio na alfabetização.

O “jogo brincante” com o passar do tempo se torna um “jogo de regras”, uma vez que a idade dos alunos está diretamente ligada ao número de imposições que lhes são colocadas. Enquanto a criança não se importa de ser observada durante a brincadeira, pré-adolescentes e adolescentes estão em constante observação de si e do outro, e por isso o julgamento se torna mais rígido e comum, especialmente no contexto escolar.

No meio de 2017, assumi as turmas de 7 a 14 anos, onde a diferença entre as idades deixava nítido a disparidade na forma de jogar. Vindas de uma turma em que todos estavam ali para brincar, onde não havia julgamentos, os textos a serem decorados eram bem menores e não existiam referências de crianças mais velhas a serem seguidas, os alunos de 7 anos se sentiam desconfortáveis, e passaram a basear suas atuações e representações no que as pré-adolescentes a partir de 12 anos faziam. Comecei a perceber que isso travava não só as menores, mas as mais velhas também ficavam incomodadas com tal “imitação”. Foi quando vi a necessidade de separar as turmas.

Enquanto as aulas das crianças melhoraram consideravelmente, enfrentamos problemas diferentes com as mais velhas. Se tratava de uma turma com cinco alunas, todas com 13 anos. Problemas que eu já esperava como uso de celular em excesso, conversa paralela e falta de atenção estiveram presentes por pouco tempo. Porém, situações inesperadas como competições em excesso, desentendimentos externos que eram trazidos pra sala de aula e brigas por personagens específicos começaram a se tornar frequentes.

---

<sup>3</sup> Este foi o único nome de criança que permaneceu o mesmo devido à autorização dada pela mãe da criança.

Acredito que o ensino do teatro vai além das técnicas, jogos de improviso e decorar falas. O ensino do teatro também se faz necessário para o exercício da empatia, e, especialmente por se tratar de uma turma composta exclusivamente por meninas, da sororidade. Acredito que o teatro também é político, responsável por criar seres pensantes e questionadores que não lutam apenas por causas de interesse próprio, mas que conseguem se colocar no lugar do outro e dar voz as minorias.

Por isso, nós precisamos deixar os ensaios um pouco de lado e focar em outros assuntos, como o feminismo. Assistimos *As Sufragistas*, expliquei a importância da sororidade e utilizei o teatro para demonstrar como elas se sentiriam em determinadas situações de opressão. Também começava todas as aulas com uma “roda de segredos” onde cada uma contava algo que aconteceu na sua semana, e me incluí em cada uma delas.

Nas rodas, as alunas conseguiam entender determinados comportamentos, se colocar no lugar umas das outras e estabelecer uma relação de confiança, uma vez que os segredos não poderiam sair dali. A cada aula, todas nós estabelecíamos uma conexão mais forte pelo que partilhávamos.

Com o passar do tempo, os segredos foram se tornando cada vez mais íntimos e percebi que elas traziam diversos incômodos e receios da idade. A partir disso, conseguíamos criar cenas, monólogos e diálogos com aquilo que elas gostariam de dizer para os pais e/ou responsáveis, mas não se sentiam à vontade.

Para exemplificar, trago a cena “Se Você Me Ouvisse (*If Only You Would Listen*)”, do musical *Escola de Rock*, onde as crianças trazem os seus receios relacionados ao que gostariam de dizer aos pais, mas não encontram o espaço adequado para fazê-lo.

Percebendo a potência do exercício, trouxe para todas as minhas outras turmas e pedi que as crianças pensassem em algo que gostariam de dizer aos pais, mas por qualquer motivo não tiveram oportunidade de dizer. Pedi para que elas contassem aos colegas, onde um colega tomaria a história do outro e contaria no palco. Antes da música, cada um deles falava uma frase do colega tirada desse exercício. A partir disso, alguns criaram coragem para contar a origem da frase aos pais, enquanto outras frases nem precisaram de explicação, os pais entendiam por si só. A cena acabou marcando muito não só os pais, mas a mim e as crianças também, uma vez que diversas relações sofreram alterações positivas após a apresentação.

Para Donato (2016, p.75), “as regras explícitas dos jogos teatrais podem contribuir no favorecimento dos processos educativos e terapêuticos, pois sua carga catártica permite que o indivíduo seja ele mesmo, exercendo, dessa forma, a liberdade.” Ou seja, dentro das aulas do teatro, os alunos encontraram liberdade para dizer aquilo que a sociedade normalmente

silenciaria ou julgaria como insignificante. Através dos personagens os alunos conseguiram expressar seus próprios anseios e os dos colegas, exercitando também a empatia.

Ainda durante a criação das cenas inspiradas no musical *Escola de Rock*, conversei com a minha diretora sobre duas questões levantadas pelo espetáculo. Uma delas se tratava sobre a personagem Tomika, adotada por dois homens e a outra sobre o personagem Billy, estilista da banda com comportamentos considerados afeminados. Ela autorizou a participação da personagem Tomika e a aparição de seus pais no espetáculo, mas pediu que Billy fosse interpretado por meninas ao invés de um menino.

Realizei a alteração no roteiro e conversei com os alunos sobre adoção, sobre as diversas formas de amor existentes em nosso mundo e para minha surpresa, era o caso de uma das minhas alunas. Diferente do que imaginei, todas as crianças acharam o máximo o fato dela ter dois pais e ficaram super curiosas para conhecê-los.

Convidei os dois para que as crianças pudessem fazer uma oficina de personagem, nesse dia, todos interpretariam a Tomika. Começamos com diversas perguntas, curiosidades que a personagem teria ao descobrir que foi adotada e depois passamos para cenas de improviso, baseadas em situações vividas pela aluna e seus pais. A partir daquele dia repetimos a prática com todos os outros personagens, porém, sem convidados externos, apenas a proposta de perguntas iniciais seguida pelas cenas de improviso para que todos conseguissem passar pela experiência de se colocar no lugar do outro e o intérprete conseguisse captar novas essências do personagem assistindo os colegas. Porém, afirmo com toda a certeza que a mais marcante dos personagens foi a Tomika, afinal, naquele dia a aula não foi só de teatro.

Os menores, que agora tinham como professora a minha colega e também integrante do grupo *Art'n Cena*, Nayara Lima, também apresentaram cenas que escolheram de desenhos, filmes ou até mesmo autorais. Após o levantamento de todas as esquetes trazidas pelos alunos, selecionamos algumas e criamos o primeiro festival de teatro do *Instituto Claude Debussy*. Por se tratar do primeiro festival, falhamos no quesito estrutura, causando alguns transtornos no dia da apresentação. Porém, conseguimos estimular a criação e criatividade não só com os textos, mas cenário, figurino, trilha sonora e iluminação. Cada grupo era responsável por escolher cada um dos elementos citados, percorrendo não só a atuação, mas diversas áreas do teatro.

Diante disso, costumava comparar o teatro a um quebra-cabeça, onde cada elemento se tratava de uma peça. Sem qualquer uma delas, o quebra-cabeça se tornava incompleto, ressaltando sempre a importância do coletivo e a importância do grupo.

Mesmo considerando a complexidade da atividade teatro na atualidade a sua base é sempre a relação com o “outro”. Seja este “outro” uma personagem, um ator ou uma atriz, um espectador, ou seja, o texto, o cenário, etc. Nesse processo do “fazer teatral” busca-se reconhecer este “outro” (SIMÕES, 2018, p. 01).

A busca constante pelo outro vai além dos parceiros de cena. Durante as oficinas, o pontapé inicial para criação do personagem envolvia uma pesquisa e a visão de algum personagem/personalidade como base. Como este personagem fala, anda, se move, come e age diante de suas condições de vida? Tais pesquisas levavam o teatro para além do ambiente convencional da sala de aula/auditório, onde o espaço para pesquisa e prática envolviam suas casas, a rua, o pátio do recreio e a própria instituição de ensino.

Os alunos, e aqui ressalto que a maioria era matriculada em escolas particulares, optavam por pesquisar personalidades da TV e mídias sociais, repetindo padrões estéticos e sociais impostos pela mídia como mulheres magras, brancas e extremamente ricas. Os professores que observei no estágio obrigatório, e eu enquanto mediadora dos jogos, buscavam trazer situações distantes de tais realidades, para que os alunos conseguissem desenvolver pensamento crítico a respeito da realidade de 26,5% da população brasileira segundo as pesquisas do IBGE em 2019 que vivem na linha ou abaixo da linha de pobreza.

As tentativas de colaboração (pacto democrático) resultam do crescente sentido de cooperação e não atingem nunca um equilíbrio ideal ou estático. A consciência de si implica em confrontação contínua do eu com o outro. Somente por meio do contato do julgamento e avaliações do outro é que a autonomia intelectual e afetiva cede lugar à pressão das regras coletivas, lógicas e morais (SPOLIN, 2007, p. 21).

Como sugerido por Spolin, para que alunos dessa faixa etária conseguissem entrar no “faz-de-verdade” e abandonar o “faz-de-conta” sem que a cena se tornasse motivo de risadas, distrações e imitações, foi necessário que o professor atuasse frequentemente como jogador. Além de impedir as dispersões na maioria dos casos, foi possível estabelecer uma relação de equidade, distanciando-se do padrão de soberania imposto em sala de aula. Os jogos de improviso auxiliavam na criação de alternativas coletivas para solução de problemas e desafios criados durante as aulas. Desafios que podem tanto ser comuns no dia-a-dia quanto situações inusitadas. Ao ter que solucionar tais problemas, os alunos são convidados a enxergar por outra perspectiva, desenvolvendo respostas rápidas que auxiliam no desenvolvimento da inteligência emocional.

## ENTREVISTAS COM ARTE-EDUCADORES

---

Além dos professores do *Centro Educacional Católica de Brasília (CECB)*, que fizeram parte da minha vivência escolar e estágio obrigatório, o formulário de pesquisa online possibilitou o encontro com professores que conseguiram detectar mudanças causadas pelo ensino do teatro no ambiente escolar.

Olhares de professores sobre suas vivências teatrais também foram registrados a partir de relatos, entrevistas e coleta de dados feita pela internet.

Os professores escolhidos se dividem entre:

1. Meus professores do CECB, as principais referências e incentivadores desta licenciatura;
2. Colegas de profissão, que encontrei e dividi o caminho nas instituições trabalhadas;
3. Amigos da sala de aula, os quais eu tive e tenho até hoje oportunidade de trocar sobre a profissão que escolhemos;

Também em sua maioria, os professores relatam que escolheram essa carreira por se identificar afetivamente, acreditar que a profissão é capaz de mudar vidas, ou até mesmo por não se imaginarem fazendo outra coisa. A decisão de ser professor de teatro, de forma específica, está intimamente ligada ao afeto, troca e emoção para pelo menos 30% dos entrevistados.

Os professores que não pretendiam seguir carreira de docência, mas que atuam na área, contam que, especialmente por questões financeiras, optaram pela licenciatura. Tanto pela questão do salário fixo quanto pelas poucas oportunidades na área do bacharelado.

Ao serem questionados sobre a importância do teatro em ambiente escolar, todos classificaram como de extrema importância, ressaltando como uma das falhas da educação brasileira a falta de obrigatoriedade da disciplina no currículo escolar. Dentre as características que são ressaltadas nos alunos após a prática teatral, foram colocadas: pensamento crítico, formação de caráter, trabalho do coletivo, habilidade de atuação em outras áreas do conhecimento com maior domínio corporal, percepção, autoconfiança, raciocínio lógico, empatia, criatividade, compromisso, dedicação, responsabilidade e, principalmente, desconstrução.

A principal reclamação dos professores está voltada para a burocracia dentro das escolas. Os planos de aula, a documentação exigida pela escola como notas, boletins (onde os professores retratam sua dificuldade de estipular números diante de um processo

majoritariamente empírico) e até mesmo a falta de liberdade de expressão dentro da sala. A maioria dos entrevistados pertence a instituições privadas de ensino (apenas um trabalha em instituição pública), onde os pais são considerados clientes. E como clientes, eles não desejam que o filho(a) escute, leia ou descubra além do que eles acreditam ser necessário. Os professores afirmam que estar sempre cumprindo as normas estabelecidas para agradar os clientes acaba engessando seu próprio processo criativo e a liberdade de expressão dentro da sala de aula. Essa também é uma reclamação recorrente, visto que o afeto e a vontade de mudança, os quais foram a principal motivação para escolha de carreira, acabam sendo vetados pela própria instituição.

Quando sou professora, exerço minha função com profissionalismo. Mas quando as cortinas da sala de aula se fecham, eu tenho que lidar com tudo que falei, mas o que eu calei também. Quem escuta o professor no fim da aula? Quem escuta o professor no fim do dia? Leio nos jornais que a classe docente é uma das mais adoecidas e, na minha opinião, é porque calamos muito mais do que gostaríamos (OTTONI, 2020, p. 9).

Em seu trabalho de conclusão de curso, Carina Ottoni destaca dois momentos em que propôs atividades “fora da caixa”, como intitulado por ela. No primeiro momento, ela sugeriu uma oficina de maquiagem, onde cada uma das crianças teria o seu próprio material para realização de tutoriais com ajuda do profissional convidado, e em um segundo momento, Carina sugeriu uma saída de campo com as crianças para o teatro. Ambos foram barrados pela escola, sob a argumentação de: falta de verbas, pais reclamando sobre questões ligadas a gênero, solicitação exagerada de materiais para a família e comparação com as demais turmas. Como citado pela professora (2020, p. 24): “vendem uma escola moderna, mas atuam ainda com a lógica mercadológica.”

Em uma breve experiência pessoal, tive contato com uma instituição de ensino extremamente religiosa, onde os absurdos se iniciam na entrevista de emprego, com perguntas de cunho extremamente pessoal sob o pretexto de “precisamos de professores que estejam de acordo com as regras estabelecidas pela Bíblia”. A proposta envolvia não só minha conduta dentro da sala de aula, mas também fora, uma vez que meus posicionamentos políticos e de causas “polêmicas” em redes sociais também seria avaliado.

A criação de roteiros iniciava no momento em que eu me encaminhava para a escola. Repassava mentalmente o script criado pela minha coordenadora diariamente, o que me mantinha tensa durante todas as aulas. Não consegui manter a personagem por muito tempo, afinal, para mim, a motivação do professor que trabalha com criatividade está diretamente ligada a liberdade de criação. Em cerca de seis meses fui demitida, e, ao questionar o motivo, minha coordenadora afirmou que os alunos sentiriam muito a minha saída, mas os pais não

estavam satisfeitos com meu comportamento em sala de aula, considerando o barulho de “risadas e brincadeiras” que ouviam do lado de fora do auditório. Ela finalizou me “aconselhando” que, quando se tratam de instituições particulares, o foco sempre deve estar nos pais, que são os verdadeiros clientes que precisam ser agradados.

Acredito que a motivação dos professores está diretamente ligada a motivação dos estudantes, que por sua vez está diretamente ligada ao seu rendimento escolar. Como relatado por Tiago Mundim (2018, p. 138), “se o estudante não se mantém motivado, acontece uma queda no investimento pessoal nas tarefas de aprendizagem, pois ele estudará pouco, e consequentemente, se desenvolverá pouco”.

Os entrevistados acreditam que a principal motivação dos alunos com relação a à prática teatral é a liberdade que encontram em sala. A partir do momento em que a criança acredita e confia que o espaço teatral é um local o qual ela tem total liberdade para ser e falar, criamos seres pensantes e capazes de questionar sobre o que lhes é colocado. A partir da criação deste ambiente de segurança e liberdade, acontece o fato mais recorrente e comentado pelos professores: os alunos mais tímidos começam a se expressar. Estes alunos passam a acreditar que o que eles têm a dizer é neste ambiente é importante, especialmente após tantas aulas onde eles têm que sentar no mesmo lugar, fazer silêncio, não brincar durante a aula e apenas serem obedientes. O papel do teatro é transformar tais seres obedientes em indivíduos questionadores, que pretendem entender e modificar outros seres ao seu redor.

Os barulhos de “risadas e brincadeiras” que os pais tanto criticavam na instituição relatada nos parágrafos anteriores, se tratavam exatamente sobre a inversão de tais costumes dentro das minhas salas de aula. Nós tínhamos acordos pré-estabelecidos, onde os alunos sabiam exatamente onde a brincadeira começava e onde a mesma terminava.

Elas iniciavam sempre no aquecimento, onde eu escolhia algum jogo diferente ou brincadeira da minha infância, e finalizava no momento em que fazíamos uma roda para concentração e “entrada” do personagem, como já relatei anteriormente. No final, caso o ensaio tenha sido produtivo, nós podíamos repetir a brincadeira do aquecimento, e essa era a motivação para que eles decorassem os textos, se concentrassem na cena e evitassem conversas paralelas. Todos sabiam que realizando cada uma dessas tarefas, a produtividade seria alta e além de ter um ótimo espetáculo, sobraria tempo para a brincadeira do final.

Não existiam punições, uma vez que eles debatiam sobre o rendimento do ensaio naquele dia. Como professora, eu sempre os questionava “E aí, pessoal? Acham que essa cena ficou boa ou precisamos ensaiar mais?” e eles mesmos decidiam sobre a continuidade do

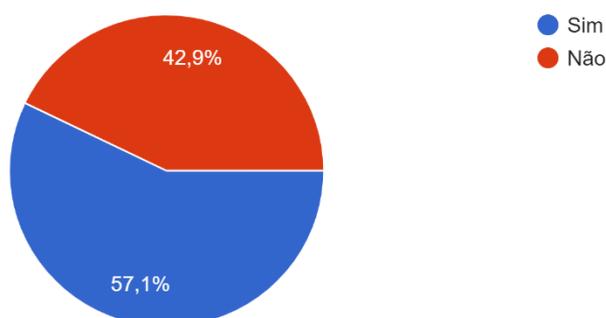
ensaio ou a finalização com a brincadeira escolhida. A aula não se limitava a prática teatral, mas também ensinava sobre compromissos e responsabilidades.

Um estudo feito pelo *Victoria And Albert Museum* demonstra a importância de um ambiente que estimula a criatividade dos alunos, informando que a exposição ao local de aprendizado criativo ajuda as crianças a se desenvolverem física, social, emocional e cognitivamente. Tal estudo informa que “a música, criação de marcas, narração de histórias e faz-de-conta formam alicerces cruciais para aprendizagem de disciplinas após os anos iniciais” (HUNT, 2019).

Por isso, questionamos os professores se em suas escolas são oferecidas condições propícias para desenvolvimento da criatividade dos alunos, e a maioria respondeu de forma positiva.

Você acredita que sua a escola oferece condições propícias para o desenvolvimento da criatividade dos alunos?

14 respostas



Dentre as condições propícias, foram colocadas: espaço com materiais diversos, horário amplo, estrutura para ensaio e apresentações, atividades culturais e esportivas, espaço para discussão e adaptação de projetos, corpo docente (como um todo) preparado para trabalhar a criatividade e o socioemocional dos alunos e comunidade participativa.

A Fundação Botín, na Espanha, retrata que o acesso à educação criativa durante a infância aumenta em 18% as chances de conquistar boas vagas de emprego e ingresso em universidades. O estudo também relata que crianças que não possuíram acesso a esse tipo de educação tem cinco vezes mais chances de depender de auxílios financeiros governamentais.

Todos os 57,1% que votaram de forma afirmativa faziam parte do quadro de professores de instituições de ensino particulares, e o restante, que votou de forma negativa, fazia parte do quadro de professores da rede pública. Relacionando os números com o estudo

relatado acima, podemos notar que alunos de instituições particulares têm maiores chances de conquistar vagas de emprego e ingressar em universidades não só pela qualidade do ensino, mas também pela exposição e estímulo do ambiente criativo.

Com relação às práticas, os professores entrevistados acreditam que os exercícios das oficinas que estimulam a criatividade e o trabalho em grupo são os principais responsáveis pela criação de seres pensantes, questionadores e empáticos.

Luiza Veloso ressalta que essa tarefa não deve ser incumbida apenas ao professor de teatro e sim de todas as áreas. “A educação em geral deveria realmente ser voltada para o desenvolvimento dessas questões, que inclusive temos previsto em vários documentos, como BNCC e LDB” (APENDICE 14). Como pontapé inicial, Luiza sugere que as disciplinas se unam para criar um conteúdo conectado e voltado para o estímulo da criatividade, questionamento e empatia.

Otoni também ressalta em sua tese a importância de conhecer os estudantes e suas variações de saberes, uma vez que o envolvimento dos mesmos no processo de aprendizagem desde o início, entendendo a função social dos conteúdos e reconhecendo-se como agente atuante resulta no desenvolvimento de pertencimento, tornando-os mais engajados na construção dos saberes (OTTONI, 2020, p. 17).

## **O IMPACTO DO TEATRO SOB A ÓTICA DOS ESTUDANTES**

---

Foram realizadas entrevistas com cerca de 15 alunos e ex-alunos que fizeram parte de grupos de teatro na escola e notaram os impactos da prática teatral no âmbito pessoal e profissional.

Começando as entrevistas pelo *Art'n Cena* do *Centro Educacional Católica de Brasília*, o ex-aluno Leandro Morais fez o seu trabalho de conclusão de curso no curso Publicidade e Propaganda na Universidade Católica de Brasília baseado nos dez anos de vida do grupo. O documentário *Art'ncena: 10 anos de merda* (“merda” no título caracteriza sorte, como o dito popular do teatro) presta uma homenagem à primeira década do projeto por meio de registros de imagens e depoimentos de integrantes, ex-integrantes e diretores. Durante o documentário, além de lembrarem os principais anos e peças do grupo, ex-alunos agradecem aos professores e a prática teatral pela diferença que ambos fizeram em sua vida.

Leandro relata que sua desinibição e oratória conquistadas após três anos consecutivos no grupo possibilitaram que o mesmo entrevistasse artistas do pop, como Pablo Vittar, Iza, Ludmilla, Glória Groove e Lexa. Atualmente, Leandro conta com mais de 20 mil inscritos em seu canal do YouTube e cerca de 6 mil seguidores no Instagram.

Júlia, que também era participante do grupo, relata que a prática de teatro auxiliou em sua oratória e ressaltou a importância do trabalho em equipe. Yuri Costa destacou os mesmos pontos de Júlia, e acrescentou que o ensino do teatro mudou a sua ótica completa com relação à vida, tornando-o mais sensível, comunicativo e consumidor assíduo dos mais variados tipos de arte.

João Pedro Jacobe acredita que a forma que ele aprendeu sobre o teatro na escola, ressaltando a postura, dedicação, esforço, proatividade, disciplina e compromisso, o diferenciaram no mercado de trabalho. Jacobe relata que muitas vezes acreditava que o que ele considerava o “básico” a ser feito durante um trabalho, era considerado extraordinário pelos seus chefes, o que, segundo ele, o levou a lugares inimagináveis.

Giovanna Gerin, filha do professor Émerson Gerin (fundador do grupo *Art'n Cena*, como relatado acima) conta que se destacou durante a graduação de Engenharia Ambiental por sua desenvoltura para apresentar trabalhos, resultando em convites para apresentações fora do DF. Ela conta ainda que a prática teatral também auxiliou no controle do nervosismo durante situações de exposição, como em entrevistas de emprego. Trabalhar em grupo também se tornou um de seus pontos fortes graças ao teatro. Já com relação a vida pessoal, Giovanna informa que o teatro auxiliou no seu entendimento enquanto pessoa, sua função

dentro de grupos de relacionamento como família e amigos e a ser mais responsável consigo e com os outros.

Luiz Carrier sempre soube que gostaria de ser ator. Fez parte do *Art'n Cena* durante cinco anos, e conta que se sentia mais preparado para participar de cursos e trabalhos avulsos após o fim do ensino médio. Assim como os outros integrantes do grupo, Luiz destaca a importância da proatividade aprendida com os diretores dentro do mercado de trabalho cênico.

Nayara Lima se formou em Ciências Ambientais, e utilizou seus três anos de prática teatral no ambiente escolar para criar peças voltadas a educação ambiental, facilitando o acesso de crianças a essa temática de forma lúdica e criativa. O mesmo aconteceu com Ana Clara Mariz, que atualmente é pedagoga, professora de artes dos anos iniciais e também utiliza a prática teatral como forma de soluções criativas para suas atividades em sala. Ana Clara afirma ainda que ensino do teatro também afetou diretamente a sua forma de lidar com os “nãos” da vida, trabalhando a sua compreensividade e empatia.

Além do grupo *Art'n Cena*, também foram entrevistados alunos de outras instituições, em sua maioria particulares, que também notaram mudanças após a prática teatral no ambiente escolar.

Gabriel Ferreira obteve seu primeiro contato com o teatro na escola *Marista Champangat*, e evidencia a importância de sua professora Verônica Moreno em sua trajetória. A figura da professora também é enfatizada por suas colegas de classe, Agda Couto e Maialu Sales. Os ex-alunos contam que a professora ressaltava sempre a seriedade do teatro, sempre movida a paixão e muito empenho, essenciais para qualquer carreira que os alunos decidissem seguir. Gabriel conta que as aulas também abriram o seu olhar com relação a questões sociais, econômicas e culturais, pois a prática sempre te retirava de sua zona de conforto.

Ainda sobre a professora Verônica Moreno, Gabriel relata que a mesma o interferiu de forma positiva em sua autoconfiança, trabalhando seus medos, inseguranças e barreiras de maneira lúdica, através de seus personagens.

Isabella Linhares é pedagoga e conta que o ensino do teatro em seu ambiente escolar (*Instituto Fênix*, localizado no Setor O) auxiliou na formação de sua personalidade, valorizando sempre a espontaneidade e expressão, o que ela incentiva diariamente em seus alunos.

Galileu Henrique, hoje arte-educador e palhático<sup>4</sup>, relata que desde criança sempre soube que gostaria de ser artista, e por morar em cidade do interior na infância, não tinha acesso as práticas teatrais dentro do ambiente escolar, e por isso juntou um grupo de amigos e fundou o “primeiro clubinho de teatro de Rondonópolis”. Mais tarde, Galileu se mudou para Brasília com seus pais e ingressou na companhia *Neia e Nando*, conhecida por seus espetáculos infantis na cidade e em seguida se licenciou em Artes Cênicas na *Universidade de Brasília (UnB)*. Ele completa seu depoimento relatando que o teatro interferiu diretamente em suas escolhas profissionais, e que hoje se sente privilegiado por trabalhar com o que ama.

Victor Fernandes relata que o ensino do teatro o afetou especialmente no período de transição entre 11 e 13 anos, onde ele destaca seu principal período de descobertas e o quanto o teatro auxiliou na questão da autoaceitação e sociabilidade. Victor destaca que participar de um grupo de teatro fez com que ele se encontrasse dentro de uma “tribo”, com interesses em comum. Ele também conta que a prática o auxiliou na apresentação de trabalhos, e que devido a essa facilidade, optou pela licenciatura.

---

<sup>4</sup> Transculturação dos termos palhaçaria com mágica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Dessa forma, podemos concluir que a prática teatral no ambiente escolar pode interferir de forma positiva: no desenvolvimento psicológico, uma vez que a prática provou que pode ser efetiva no tratamento de determinadas doenças psicológicas e na reinserção de indivíduos na sociedade, no desenvolvimento social, após diversos relatos que retratam melhora na comunicação, desinibição, oratória, desenvolvimento emocional, onde os alunos se mostraram mais propensos ao diálogo, empatia, sororidade, construção da identidade considerando a jornada do autoconhecimento através de personagens e na relação com o outro, alfabetização ao decorar textos e músicas com o auxílio de adultos e na reprodução de saberes, visto que desde o princípio o teatro é utilizado como reprodução de saberes de forma lúdica.

No presente trabalho também trouxe alguns exemplos de como os professores de matérias distintas utilizam o teatro para facilitar determinadas explicações e exemplos de pessoas que se diferenciaram no mercado de trabalho após fazer parte de algum grupo durante o período escolar, graças a competências adquiridas com a prática teatral como responsabilidade, pontualidade, proatividade e soluções criativas;

Ao revisitar colegas, instituições de ensino que estudei, diários de bordo de alunos e encontros com professores, percebi de forma ainda mais latente a potência da linguagem teatral no ambiente escolar. Até hoje, depois de mais de um ano sem dar aulas de teatro, recebo mensagens diariamente dos meus alunos comentando sobre algum exercício que os marcou, ou o quanto eles sentem falta de determinado personagem.

A potência do teatro está em cada uma dessas mensagens, no diálogo que construímos com as famílias após os espetáculos, no brilho no olho de cada uma das crianças ao subir no palco para brincar de “faz-de-verdade”, no abraço apertado do retorno das férias, nas despedidas saudosas de cada turma de terceiro ano que se forma e deixa espaço para novos calouros, na vontade de fazer dar certo mesmo quando tudo parece dar errado, no olho no olho ao fazer a oração do ator antes de cada espetáculo e no coração de cada professor que se propõe a ensinar arte.

Porém, a determinação da maioria dos professores entrevistados se mostra desestimulada ao ter que lidar com burocracias e instituições de ensino que ainda se encontram engessadas para aderir novas técnicas envolvendo a liberdade de expressão, tanto de professores quanto alunos.

Especialmente no período em que vivemos atualmente, fazer arte é um ato de resistência. Por cada aluno que pode ser impactado, mudado e transformado através da prática teatral, cada um de nós professores seguimos resistindo.

## REFERÊNCIAS

---

ALENCAR, Vagner. **Estudo mostra importância da criatividade na infância.** Porvir, 2012. Disponível em < [Estudo mostra importância da criatividade na infância - PORVIR](#)> Acesso em: 21 de junho de 2021.

BORNHEIM, Gerd. **Estudos sobre teatro.** São Paulo: Perspectiva, 1992.

COURTNEY, Richard. **Jogo, teatro e pensamento: as bases intelectuais do teatro na educação.** Tradução Karen Astrid Müller e Silvana Garcia. São Paulo: Perspectiva, 1980.

DA SILVA, Edilaine; DONATO, Gherardi; FERNANDES, Maria; TEIXEIRA, Carla; GIMENEZ, Larissa. **O Mundo é um Palco: Experiência de Oficinas de Teatro na Saúde Mental.** Revista de Cultura e Extensão USP, São Paulo, volume 16, pp. 73 – 81, 2016.

HANSTED, C. Talitha; GOHN, G. Maria. **Teatro e Educação: uma relação historicamente construída.** Eccos, São Paulo, pp. 199-220, 2013.

HUNT, Tristram. **The vital role of creative education.** V&A Blog, 2019. Disponível em: < <https://www.vam.ac.uk/blog/museum-life/the-vital-role-of-creative-education>> Acesso em: 9 de maio de 2021.

MUNDIM, Tiago Elias. **A utilização de tecnologias em processos de aprendizagem, treinamento e performance do ator-cantor-bailarino de Teatro Musical.** –Tese de Doutorado, Universidade de Brasília, 2018.

MUNDIM, Tiago Elias. **Contextualização do Teatro Musical na contemporaneidade: conceitos, treinamento do ator e Inteligências Múltiplas.** Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, 2014.

OTTONI, Carina. **Diário de Uma Quase Arte-Educadora.** 2020.

ROSSIN, Elisa. **Habitar a máscara: o objeto como uma realidade penetrável disparador de subjetividades - Diálogos com Lygia Clark.** São Paulo, pp. 38 – 46, 2019.

STELZER, Andréa. **A dramaturgia do ator e a poética do real: um estudo de duas companhias - Théâtre du Soleil e Amok.** Rio de Janeiro, 2013. Tese (doutorado em teatro). Programa de pós-graduação em Artes Cênicas - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, 2013.

## APÊNDICE 1 – ENTREVISTA COM YURI COSTA

---

**1. Nome:** Yuri Costa

**2. Idade:** 22 anos

**3. Faixa etária de atuação:** Ensino especial

**4. Instituição de ensino:** APAE – Asa Norte

**5. Por que decidiu ser professor?**

R: Acreditar ser uma carreira com a qual me identificava afetiva e emocionalmente.

**6. Por que decidiu ser professor de teatro?**

R: Mesmo motivo pois uma decisão veio atrelada a outra.

**7. Qual a importância do teatro dentro do ambiente escolar, na sua opinião?**

R: Emocionar, criticar, questionar, tocar.

**8. Já conseguiu perceber mudanças dos estudantes fora da sala de aula após as suas aulas de teatro? Se sim, quais?**

R: Eles costumam conversar sobre questões levantadas em sala.

**9. De que maneira acredita que o teatro pode auxiliar no desenvolvimento pessoal, social e escolar?**

R: Ele levanta questões referentes a esses assuntos e faz com que seja debatido nas montagens.

**10. O que você mais gosta no seu trabalho como professor? E o que menos gosta?**

R: Adoro a troca sincera e despretensiosa que tenho com os alunos e não gosto dos prazos estabelecidos pela instituição.

**11. Você acredita que sua escola oferece condições propícias para o desenvolvimento da criatividade dos alunos?**

R: Sim.

**12. O que você considera uma condição propícia para desenvolvimento da criatividade?**

R: Um espaço com materiais e horário amplo, recursos diversos.

**13. Você acha que o desenvolvimento de habilidades psicossociais (autonomia, autoconceito, desenvolvimento emocional, dentre outras) faz parte da função do professor de teatro?**

R: Sim.

**14. Se sim, como você acredita que essas questões podem ser trabalhadas em sala de aula?**

R: Com jogos teatrais por exemplo, em grupo, individual, etc.

## APÊNDICE 2 – ENTREVISTA COM GALILEU HENRIQUE

---

1. **Nome:** Galileu Henrique Costa Fontes
2. **Idade:** 21 anos
3. **Faixa etária de atuação:** Ensino Fundamental
4. **Instituição de ensino:** Sigma
5. **Por que decidiu ser professor?**  
R: Para poder mudar a vida das pessoas.
6. **Por que decidiu ser professor de teatro?**  
R: Poder ensinar essa arte que toca, transforma e comove as pessoas. O ator tem o dom de atingir as pessoas nos pontos onde não existem defesas.
7. **Qual a importância do teatro dentro do ambiente escolar, na sua opinião?**  
R: Muito importante. Para não permitir que as crianças virem robôs e fiquem engessadas. Praticar o afeto!
8. **Já conseguiu perceber mudanças dos estudantes fora da sala de aula após as suas aulas de teatro? Se sim, quais?**  
R: Elas ficam mais afetuosas, percebem e entendem o sentimento de grupo que o teatro promove.
9. **De que maneira acredita que o teatro pode auxiliar no desenvolvimento pessoal, social e escolar?**  
R: Em todos os sentidos, com o teatro a desenvolve um brilho que encanta a todos em qualquer lugar.
10. **O que você mais gosta no seu trabalho como professor? E o que menos gosta?**  
R: De perceber o crescimento e a transformação dos alunos após as aulas de teatro. Lidar com a indisciplina de alguns alunos, como atrasos.
11. **Você acredita que sua escola oferece condições propícias para o desenvolvimento da criatividade dos alunos?**  
R: Sim.
12. **O que você considera uma condição propícia para desenvolvimento da criatividade?**  
R: Estar lidando e incentivando com a imaginação.
13. **Você acha que o desenvolvimento de habilidades psicossociais (autonomia, autoconceito, desenvolvimento emocional, dentre outras) faz parte da função do professor de teatro?**

R: Sim.

**14. Se sim, como você acredita que essas questões podem ser trabalhadas em sala de aula?**

R: Nos exercícios de teatro.

## APÊNDICE 3 – ENTREVISTADO 01

---

1. **Idade:** 31 anos
2. **Faixa etária de atuação:** Educação infantil
3. **Instituição de ensino:** CECB
4. **Por que decidiu ser professor?**  
R: Ensinar é uma arte.
5. **Por que decidiu ser professor de teatro?**  
R: Levar cultura por onde eu for, seja através de mim ou dos meus alunos.
6. **Qual a importância do teatro dentro do ambiente escolar, na sua opinião?**  
R: Alertar sobre os mais diversos assuntos.
7. **Já conseguiu perceber mudanças dos estudantes fora da sala de aula após as suas aulas de teatro? Se sim, quais?**  
R: Sim. Muitos alunos tornaram-se mais comunicativos.
8. **De que maneira acredita que o teatro pode auxiliar no desenvolvimento pessoal, social e escolar?**  
R: -
9. **O que você mais gosta no seu trabalho como professor? E o que menos gosta?**  
R: O aprendizado com os alunos é diário. Não gosto muito do baixo salário
10. **Você acredita que sua a escola oferece condições propícias para o desenvolvimento da criatividade dos alunos?**  
R: Sim.
11. **O que você considera uma condição propícia para desenvolvimento da criatividade?**  
R: A escola precisa ter uma boa estrutura para os ensaios e apresentações.
12. **Você acha que o desenvolvimento de habilidades psicossociais (autonomia, autoconceito, desenvolvimento emocional, dentre outras) faz parte da função do professor de teatro?**  
R: Sim.

## APÊNDICE 4 – ENTREVISTADO 02

---

**1. Idade:** 23 anos

**2. Faixa etária de atuação:** Ensino Médio

**3. Instituição de ensino:** -

**4. Por que decidiu ser professor?**

R: Na verdade não era minha opção nem meu querer, mas as questões da vida e da profissão me levaram a dar aulas.

**5. Por que decidiu ser professor de teatro?**

R: Por ser a disciplina que eu gosto e resolvi atuar como profissional desde os 12 anos de idade, quando decidi ser ator. E por achar que é a minha única vocação.

**6. Qual a importância do teatro dentro do ambiente escolar, na sua opinião?**

R: Desconstruir todo o mecanismo romano de educação que está sendo pregado ultimamente nas instituições escolares.

**7. Já conseguiu perceber mudanças dos estudantes fora da sala de aula após as suas aulas de teatro? Se sim, quais?**

R: Sim. Percebo os alunos mais soltos e relaxados. Até a expressão tensa em seus rostos vão embora.

**8. De que maneira acredita que o teatro pode auxiliar no desenvolvimento pessoal, social e escolar?**

R: Pois teatro não se faz sozinho. Uma peça não funciona sem outra, logo, isso faz com que os alunos entendam e aprendam a compartilhar uns com os outros. Principalmente a empatia com o próximo.

**9. O que você mais gosta no seu trabalho como professor? E o que menos gosta?**

R: O que mais gosto é ver que meus alunos estão interessados em meu conteúdo, quando percebo que estão comentando fora de sala. O que menos gosto é ter de cumprir burocracias acadêmicas.

**10. Você acredita que sua escola oferece condições propícias para o desenvolvimento da criatividade dos alunos?**

R: Não.

**11. O que você considera uma condição propícia para desenvolvimento da criatividade?**

R: Atividades extracurriculares que desvinculem o conteúdo programático do vestibular. Seja atividades culturais ou esportivas.

**12. Você acha que o desenvolvimento de habilidades psicossociais (autonomia, autoconceito, desenvolvimento emocional, dentre outras) faz parte da função do professor de teatro?**

R: Sim.

**13. Se sim, como você acredita que essas questões podem ser trabalhadas em sala de aula?**

R: O professor independente da área, humanas ou exatas, tem brechas em seus conteúdos para se ter conversas empáticas com seus alunos. O conteúdo pode se aproximar da realidade do aluno se o educando quiser.

## APÊNDICE 5 – ENTREVISTADO 03

---

**1. Idade:** 30 anos

**2. Faixa etária de atuação:** Ensino Médio

**3. Instituição de ensino:** ACT - Casa do Teatro

**4. Por que decidiu ser professor?**

R: Porque lecionar é uma troca inesgotável de experiências. Exige atualização, pesquisa e frequente atenção em como captar o outro. É um exercício lindo, mas também desafiador.

**5. Por que decidiu ser professor de teatro?**

R: Pelo exercício da expressão e conexão. Quando trabalhamos as diversas maneiras de contar uma história, o que leva alguém a dada situação e sair da nossa linha de raciocínio trabalhamos a criatividade e empatia.

**6. Qual a importância do teatro dentro do ambiente escolar, na sua opinião?**

R: É fundamental. O teatro é hierárquico ao ajudar a dar voz aos mais tímidos, a trabalhar a criatividade dos hiperativos, dá significado a trabalhar em grupo e a ter compromisso e dedicação.

**7. Já conseguiu perceber mudanças dos estudantes fora da sala de aula após as suas aulas de teatro? Se sim, quais?**

R: Além da comunicação e criatividade, também percebo mudanças de empatia. Cuidado com brincadeiras e um senso familiar de proteção entre os alunos.

**8. De que maneira acredita que o teatro pode auxiliar no desenvolvimento pessoal, social e escolar?**

R: O teatro exige que nos coloquemos no lugar do outro. Você precisa entender o personagem para expressar narrativas. Isso nos obriga a tanto no indivíduo como no social ter mais cautela nos julgamentos.

**9. O que você mais gosta no seu trabalho como professor? E o que menos gosta?**

R: Não existe rotina, e eu adoro isso. O dia mais teórico pode ser surpreendente assim como aquela aula prática que prometia ser inovadora, não funcionar e você ter que mudar toda estratégia para ser melhor na próxima. O que menos gosto talvez seja lidar com expectativas, quando o aluno espera uma cartilha pronta para o sucesso ao invés de crescer com o processo.

**10. Você acredita que sua escola oferece condições propícias para o desenvolvimento da criatividade dos alunos?**

R: Sim.

**11. O que você considera uma condição propícia para desenvolvimento da criatividade?**

R: Quando há debate para discussão e adaptação de projetos, e espaço democrático para tal.

**12. Você acha que o desenvolvimento de habilidades psicossociais (autonomia, autoconceito, desenvolvimento emocional, dentre outras) faz parte da função do professor de teatro?**

R: Sim.

**13. Se sim, como você acredita que essas questões podem ser trabalhadas em sala de aula?**

R: Eu acredito que o professor precisa estar atento. Nem sempre o primeiro aluno a erguer a mão ou o mais desenvolvido será o mais indicado em dados momentos. É importante respeitar limites, mas criar um rodízio de funções e papéis em uma turma. Há habilidades que só são descobertas quando testadas.

## APÊNDICE 6 – ENTREVISTADO 04

---

**1. Idade:** 21 anos

**2. Faixa etária de atuação:** Ensino Fundamental

**3. Instituição de ensino:** Escola das Nações

**4. Por que decidiu ser professor?**

R: Desde sempre eu senti em minha alma a necessidade de ensinar e trocar conhecimento com os pequenos.

**5. Por que decidiu ser professor de teatro?**

R: Porque o Teatro é uma porta grande que se abre dentro de um aluno, dentro de uma biografia de transformações. Onde o Ser se descobre experienciador e criador, pertencente e atuante no meio em que vive, trazendo novas perspectivas ao cotidiano.

**6. Qual a importância do teatro dentro do ambiente escolar, na sua opinião?**

R: O teatro vem para desengessar os corpos dos alunos, há muito separados de suas possibilidades corpo-orais ativas e tuas escutas emotivas e sensoriais.

**7. Já conseguiu perceber mudanças dos estudantes fora da sala de aula após as suas aulas de teatro? Se sim, quais?**

R: Os sinto muito mais engajados, proativos, desinibidos e cheios de desejo de saber. Os tímidos têm se expandido. E algo que é ótimo, é que eles aprenderam a trabalhar com quem não trabalhariam se não fossem as aulas de teatro.

**8. De que maneira acredita que o teatro pode auxiliar no desenvolvimento pessoal, social e escolar?**

R: O fazer teatral está diretamente ligado à exploração da complexidade humana e todas as formas que se pode assumir, mesmo que temporariamente.

**9. O que você mais gosta no seu trabalho como professor? E o que menos gosta?**

R: Eu AMO vê-los experimentando nuances inéditas da interpretação teatral, e vê-los se divertindo profundamente com as surpresas que isso tudo traz. São muitas revelações! Amo. O que eu menos gosto é da parte burocrática, de formalizar documentos e planejar aulas a longo prazo.

**10. Você acredita que sua a escola oferece condições propícias para o desenvolvimento da criatividade dos alunos?**

R: Sim.

**11. O que você considera uma condição propícia para desenvolvimento da criatividade?**

R: Um corpo docente preparado para trabalhar a criatividade e o sócio-emocional dos alunos. E uma diversidade de projetos, e interdisciplinaridade.

**12. Você acha que o desenvolvimento de habilidades psicossociais (autonomia, autoconceito, desenvolvimento emocional, dentre outras) faz parte da função do professor de teatro?**

R: Sim.

**13. Se sim, como você acredita que essas questões podem ser trabalhadas em sala de aula?**

R: Todos os jogos que são em equipe, cooperação, abrangem bons ensinamentos acerca disso. E também boas atividades individuais, que ao final compõem algo conjunto. Também dar opções aos alunos, do que se interessam por fazer e o que sugerem.

## APÊNDICE 7 – ENTREVISTA COM GABRIELE

---

1. **Nome:** Gabriele
2. **Idade:** 43 anos
3. **Faixa etária de atuação:** Graduação
4. **Instituição de ensino:** Universidade de Campinas
5. **Por que decidiu ser professor?**  
R: -
6. **Por que decidiu ser professor de teatro?**  
R: -
7. **Qual a importância do teatro dentro do ambiente escolar, na sua opinião?**  
R: Atividade lúdicas são essenciais para o crescimento e desenvolvimento das crianças.
8. **Já conseguiu perceber mudanças dos estudantes fora da sala de aula após as suas aulas de teatro? Se sim, quais?**  
R: -
9. **De que maneira acredita que o teatro pode auxiliar no desenvolvimento pessoal, social e escolar?**  
R: Auxilia no convívio social. Interação entre os colegas, desenvolvimento da criatividade e imaginação. Devolve a fala. Pode ser terapêutico. Descontra o clima da escola. Retira a rigidez e estresse da rotina.
10. **O que você mais gosta no seu trabalho como professor? E o que menos gosta?**  
R: -
11. **Você acredita que sua escola oferece condições propícias para o desenvolvimento da criatividade dos alunos?**  
R: -
12. **O que você considera uma condição propícia para desenvolvimento da criatividade?**  
R: Estímulo da imaginação por meio de histórias, imagens, música, teatro...
13. **Você acha que o desenvolvimento de habilidades psicossociais (autonomia, autoconceito, desenvolvimento emocional, dentre outras) faz parte da função do professor de teatro?**  
R: Sim.

**14. Se sim, como você acredita que essas questões podem ser trabalhadas em sala de aula?**

R: Com atividades práticas, jogos, depoimentos, peças, filmes, poesia...

## **APÊNDICE 8 – ENTREVISTA COM NAYARA LIMA**

---

**1. Nome:** Nayara Lima

**2. Idade:** 23 anos

**3. Faixa etária de atuação:** Educação infantil

**4. Instituição de ensino:** Instituto Claude Debussy

**5. Por que decidiu ser professor?**

R: Eu não decidi, os caminhos me levaram para essa profissão.

**6. Por que decidiu ser professor de teatro?**

R: Se tinha uma coisa que eu gostaria de ensinar e passar para frente, seria a arte.

**7. Qual a importância do teatro dentro do ambiente escolar, na sua opinião?**

R: O teatro auxilia no amadurecimento das crianças, além de ensina-las a trabalhar em grupo e terem maior desenvoltura para apresentar trabalhos. Fora isso, muda completamente o ciclo afetivo do aluno, pois cria laços de amizade.

**8. Já conseguiu perceber mudanças dos estudantes fora da sala de aula após as suas aulas de teatro? Se sim, quais?**

R: Sim. Alunos que não se falavam começaram a interagir, e a criar laços de grupo. Além disso, alguns alunos que ainda não sabiam ler começaram a apresentar um esforço maior para aprender, por conta do texto do teatro que eles precisavam decorar.

**9. De que maneira acredita que o teatro pode auxiliar no desenvolvimento pessoal, social e escolar?**

R: Criando espírito de responsabilidade, de trabalho em grupo, e de empatia com o colega.

**10. O que você mais gosta no seu trabalho como professor? E o que menos gosta?**

R: O que mais gosto é de ver a evolução dos alunos, não só em sala, mas fora dela também. A dificuldade de se trabalhar com o público infantil é por muitas vezes o estar ali não ser algo que parta das crianças, mas sim dos pais, então algumas acabam não se identificando com o que fazem.

**11. Você acredita que sua a escola oferece condições propícias para o desenvolvimento da criatividade dos alunos?**

R: Não.

**12. O que você considera uma condição propícia para desenvolvimento da criatividade?**

R: Abertura para que os alunos possam criar junto com o professor.

**13. Você acha que o desenvolvimento de habilidades psicossociais (autonomia, autoconceito, desenvolvimento emocional, dentre outras) faz parte da função do professor de teatro?**

R: Sim.

**14. Se sim, como você acredita que essas questões podem ser trabalhadas em sala de aula?**

R: Com atividades de grupo e de autoconhecimento.

## APÊNDICE 9 – ENTREVISTA COM JOHN SEABRA

---

**1. Nome:** John Seabra

**2. Idade:** 24 anos

**3. Faixa etária de atuação:** Ensino Fundamental

**4. Instituição de ensino:** Instituto Claude Debussy

**5. Por que decidiu ser professor?**

R: De início foi a necessidade financeira, mas depois percebi que a área de educação proporciona um grande aprendizado na arte pessoal. Ver uma pessoa se achando na arte através da sua direção é um sentimento sem igual.

**6. Por que decidiu ser professor de teatro?**

R: A única matéria que eu me atreveria a ensinar e que tenho vontade de ensinar é teatro. Tanto que sou formado em direção de elenco e de arte. Com o intuito de guiar as pessoas pros lugares que elas não conseguem ver.

**7. Qual a importância do teatro dentro do ambiente escolar, na sua opinião?**

R: O teatro é uma das matérias que proporciona a auto expressão da pessoa, principalmente do jovem que passa por tantas coisas para se descobrir. A arte sempre salva.

**8. Já conseguiu perceber mudanças dos estudantes fora da sala de aula após as suas aulas de teatro? Se sim, quais?**

R: Sim. Comportamental, em atitudes, em ideias. Tive uma aluna que era muito tímida, e a convivência do teatro fez ela se abrir mais com as pessoas sem ela se sentir desconfortável.

**9. De que maneira acredita que o teatro pode auxiliar no desenvolvimento pessoal, social e escolar?**

R: Devido o teatro lidar com um lado de expressão pessoal, se acaba tornando um tipo de tratamento de auto exploração e autodescoberta. E isso para muitas pessoas que as vezes tem problemas na vida, ou pessoais, é importante ter o teatro em sua vida.

**10. O que você mais gosta no seu trabalho como professor? E o que menos gosta?**

R: A criação em conjunto é o que mais me impulsiona. E a falta de interesse do aluno me desmotiva, há uma diferença quando você vê que a criança tem potencial e quer estar ali, mas não consegue devido a problemas pessoais, e crianças que tratam como um tom esnobe e não dá valor a oportunidade de estar fazendo.

**11. Você acredita que sua a escola oferece condições propícias para o desenvolvimento da criatividade dos alunos?**

R: Não.

**12. O que você considera uma condição propícia para desenvolvimento da criatividade?**

R: A escolha do aluno em fazer qualquer tipo de aula que ele queira. E não o obrigando ou nem dando a possibilidade dele escolher o que ele poderia ou não escolher.

**13. Você acha que o desenvolvimento de habilidades psicossociais (autonomia, autoconceito, desenvolvimento emocional, dentre outras) faz parte da função do professor de teatro?**

R: Sim.

**14. Se sim, como você acredita que essas questões podem ser trabalhadas em sala de aula?**

R: O próprio teatro trabalha a autonomia compartilhada. Você trabalha pelo outro e para si também. Pois não há uma separação, todos são um. Mas as tarefas de fazerem elas criarem o que quiserem. Estimular a criatividade, são a melhores formas de criar autonomia e autoconfiança.

## **APÊNDICE 10 – ENTREVISTADO 05**

---

- 1. Idade:** 32
- 2. Faixa etária de atuação:** Ensino Fundamental
- 3. Instituição de ensino:** Sigma
- 4. Por que decidiu ser professor?**  
R: Porque era o vestibular que eu conseguia passar.
- 5. Por que decidiu ser professor de teatro?**  
R: Porque não passei pra bacharel.
- 6. Qual a importância do teatro dentro do ambiente escolar, na sua opinião?**  
R: Para as crianças trabalharem habilidades socioemocionais.
- 7. Já conseguiu perceber mudanças dos estudantes fora da sala de aula após as suas aulas de teatro? Se sim, quais?**  
R: Sim. Confiança e criticidade.
- 8. De que maneira acredita que o teatro pode auxiliar no desenvolvimento pessoal, social e escolar?**  
R: Desenvolve a empatia.
- 9. O que você mais gosta no seu trabalho como professor? E o que menos gosta?**  
R: Gosto dos alunos e detesto não poder falar tudo que quero por se tratar de uma instituição particular tenho a pensar em agradar os pais (clientes).
- 10. Você acredita que sua a escola oferece condições propícias para o desenvolvimento da criatividade dos alunos?**  
R: Não.
- 11. O que você considera uma condição propícia para desenvolvimento da criatividade?**  
R: Liberdade.
- 12. Você acha que o desenvolvimento de habilidades psicossociais (autonomia, autoconceito, desenvolvimento emocional, dentre outras) faz parte da função do professor de teatro?**  
R: Sim.
- 13. Se sim, como você acredita que essas questões podem ser trabalhadas em sala de aula?**  
R: Totalmente!

## APÊNDICE 11 – ENTREVISTA COM OLIVER OLIVEIRA

---

**1. Nome:** Oliver Oliveira

**2. Idade:** 33 anos

**3. Faixa etária de atuação:** Público diverso, oficinas e montagens específicas

**4. Instituição de ensino:** -

**5. Por que decidiu ser professor?**

R: Acho que o ato de passar o conhecimento adquirido e ver ele dar frutos, é muito gratificante, é como se fosse responsável pra que isso se mantenha vivo no futuro.

**6. Por que decidiu ser professor de teatro?**

R: É gratificante ver um aluno seguir no teatro, criar asas. Escolhi essa parte pra manter viva a cultura e arte nas próximas gerações.

**7. Qual a importância do teatro dentro do ambiente escolar, na sua opinião?**

R: Deveria ser obrigatório, por crescimento pessoal e profissional por usar ferramentas de percepção, autoconfiança, raciocínio e o respeito as diferenças sem falar no conhecimento histórico e prática cultural.

**8. Já conseguiu perceber mudanças dos estudantes fora da sala de aula após as suas aulas de teatro? Se sim, quais?**

R: Sim, há um tempo uma aluna que mal levantava a cabeça para conversar com as pessoas, não olhava nos olhos, falava baixo hoje em dia consegue. Ela consegue até fazer humor em locais desconhecidos.

**9. De que maneira acredita que o teatro pode auxiliar no desenvolvimento pessoal, social e escolar?**

R: Trazendo segurança, confiança, conhecimento de si e do outro, respeito e buscar meios de resolver pequenos problemas que surgem.

**10. O que você mais gosta no seu trabalho como professor? E o que menos gosta?**

R: Gosto quando vejo o aluno absorver o que estamos passando, criar em cima disso e seguir com isso não se tornando algo passageiro. Não gosto quando alunos passam a fazer piada e questionar coisas que não são do entendimento deles e parcialmente se recusando a seguir as orientações passadas (no caso da disciplina prática).

**11. Você acredita que sua a escola oferece condições propícias para o desenvolvimento da criatividade dos alunos?**

R: Não.

**12. O que você considera uma condição propícia para desenvolvimento da criatividade?**

R: -

**13. Você acha que o desenvolvimento de habilidades psicossociais (autonomia, autoconceito, desenvolvimento emocional, dentre outras) faz parte da função do professor de teatro?**

R: Sim.

**14. Se sim, como você acredita que essas questões podem ser trabalhadas em sala de aula?**

R: Através de exercícios, textos e personagens que trazem a diferença como parte deles e sendo interpretados por entusiasmos com os alunos .

## APÊNDICE 12 – ENTREVISTA COM GABRIEL NEVES

---

1. **Nome:** Gabriel Neves
2. **Idade:** 24 anos
3. **Faixa etária de atuação:** Educação Infantil
4. **Instituição de ensino:** Trupe Trabalhe Essa Ideia
5. **Por que decidiu ser professor?**  
R: Necessidade da companhia.
6. **Por que decidiu ser professor de teatro?**  
R: Para trabalhar outras áreas além da direção e atuação e para a formação de plateia na área artística.
7. **Qual a importância do teatro dentro do ambiente escolar, na sua opinião?**  
R: Pensamento crítico, formação de caráter, contato com o emocional de forma mais equilibrada, auxílio em trabalhos grupais e habilidade de atuação em outras áreas do conhecimento com maior domínio corporal.
8. **Já conseguiu perceber mudanças dos estudantes fora da sala de aula após as suas aulas de teatro? Se sim, quais?**  
R: Sim. Perda de timidez, autoestima mais elevada, criatividade expansiva, maior conectividade com o grupo, formação de um pensamento mais crítico acerca das coisas.
9. **De que maneira acredita que o teatro pode auxiliar no desenvolvimento pessoal, social e escolar?**  
R: Na interação fora dele com as pessoas e na interação consigo mesmo ao se conhecer melhor.
10. **O que você mais gosta no seu trabalho como professor? E o que menos gosta?**  
R: Ver as mudanças feitas em meus alunos / burocracia da escola.
11. **Você acredita que sua a escola oferece condições propícias para o desenvolvimento da criatividade dos alunos?**  
R: Sim.
12. **O que você considera uma condição propícia para desenvolvimento da criatividade?**  
R: Um pouco mais de liberdade e reforços.

**13. Você acha que o desenvolvimento de habilidades psicossociais (autonomia, autoconceito, desenvolvimento emocional, dentre outras) faz parte da função do professor de teatro?**

R: Sim.

**14. Se sim, como você acredita que essas questões podem ser trabalhadas em sala de aula?**

R: Com conversas e jogos para auxílio dessas questões.

## **APÊNDICE 13 – ENTREVISTA COM VICTOR FERNANDES**

---

**1. Nome:** Victor Fernandes

**2. Idade:** 23 anos

**3. Faixa etária de atuação:** Ensino Médio

**4. Instituição de ensino:** Alub

**5. Por que decidiu ser professor?**

R: Fazer com que os alunos valorizem, apreciem e produzam arte...Repensem valores, façam atos políticos com suas expressões artísticas, conheçam a si, o mundo em sua volta e possam transformar onde vivemos em algo melhor.

**6. Por que decidiu ser professor de teatro?**

R: Vejo o teatro como uma plataforma vasta para me expressar e através disso consigo fazer com que o aluno também tenha uma autodescoberta, além de, adquirimos características imprescindíveis para ser um bom ser humano na sociedade na qual vivemos.

**7. Qual a importância do teatro dentro do ambiente escolar, na sua opinião?**

R: O teatro ajuda as pessoas que têm contato com ele nos quesitos sociabilização, desenvolvimento oratório, presença corpórea e é uma atividade para as pessoas se expressarem.

**8. Já conseguiu perceber mudanças dos estudantes fora da sala de aula após as suas aulas de teatro? Se sim, quais?**

R: Mais sociáveis, comunicativos e um entendimento de mundo mais vasto.

**9. De que maneira acredita que o teatro pode auxiliar no desenvolvimento pessoal, social e escolar?**

R: Com o autoconhecimento sobre si, desenvolvimento de fala perante as pessoas, sociabilização e trabalho em grupo.

**10. O que você mais gosta no seu trabalho como professor? E o que menos gosta?**

R: Gosto de trabalhar com algo que amo e consigo transpassar isso para os meus alunos. O trabalho não é nada valorizado.

**11. Você acredita que sua a escola oferece condições propícias para o desenvolvimento da criatividade dos alunos?**

R: Não.

**12. O que você considera uma condição propícia para desenvolvimento da criatividade?**

R: Autonomia, espaço livre para aprendizagem e desenvolvimento pessoal/grupal.

**13. Você acha que o desenvolvimento de habilidades psicossociais (autonomia, autoconceito, desenvolvimento emocional, dentre outras) faz parte da função do professor de teatro?**

R: Sim.

**14. Se sim, como você acredita que essas questões podem ser trabalhadas em sala de aula?**

R: Jogos teatrais, liberdade criativa.

## APÊNDICE 14 – ENTREVISTA COM LUIZA VELOSO

---

**1. Nome:** Luiza Veloso Evangelista

**2. Idade:** 22 anos

**3. Faixa etária de atuação:** Ensino Médio

**4. Instituição de ensino:** CEAN

**5. Por que decidiu ser professor?**

R: Na verdade nunca quis ser professora, entrei no curso sem essa intenção. Mas no decorrer fui entendendo o potencial da educação e me identificando como contribuinte dessa área.

**6. Por que decidiu ser professor de teatro?**

R: Após perceber todo o potencial da linguagem teatral no sistema educacional.

**7. Qual a importância do teatro dentro do ambiente escolar, na sua opinião?**

R: Acho que principalmente a potência crítica, identitária e transgressora.

**8. Já conseguiu perceber mudanças dos estudantes fora da sala de aula após as suas aulas de teatro? Se sim, quais?**

R: Vejo principalmente o poder de reflexão causado.

**9. De que maneira acredita que o teatro pode auxiliar no desenvolvimento pessoal, social e escolar?**

R: Suscitando senso crítico, percepção e valorização de si e do outro, reconhecimento e valorização cultural, desenvolvimento corporal e criativo, instigação da autonomia, protagonismo do estudante, suscitação da autocrítica, etc.

**10. O que você mais gosta no seu trabalho como professor? E o que menos gosta?**

R: Como diz Bell Hooks "Ensinar é um ato teatral". Gosto da troca e comunhão com os alunos, podendo observar e participar dos seus processos, gosto de causar atritos, atritos no sentido de impulsos, de provocações, atritos que causam faíscas que acendem chamas que geram discussões e reflexões. Gosto de ter sempre que inovar, reinventar e me auto provocar. Não gosto das inconstâncias negativas da rotina escolar, nem das responsabilidades atribuídas a função do professor que foge de suas atribuições. Não gosto principalmente da desvalorização da minha profissão.

**11. Você acredita que sua a escola oferece condições propícias para o desenvolvimento da criatividade dos alunos?**

R: Sim.

**12. O que você considera uma condição propícia para desenvolvimento da criatividade?**

R: Estrutura da escola, profissionais que contribuam para esse desenvolvimento (professores, diretores, gestão...), e comunidade participativa.

**13. Você acha que o desenvolvimento de habilidades psicossociais (autonomia, autoconceito, desenvolvimento emocional, dentre outras) faz parte da função do professor de teatro?**

R: Sim.

**14. Se sim, como você acredita que essas questões podem ser trabalhadas em sala de aula?**

R: Acho que essas questões são funções de todos os professores. A educação em geral deveria realmente ser voltada para o desenvolvimento dessas questões, que inclusive temos previsto em vários documentos, como BNCC, LDB... Não gosto de atribuir apenas a um professor de uma área específica. De qualquer forma, traçando os objetivos das aulas para essas questões e se utilizar dos conteúdos para seu desenvolvimento creio ser um primeiro passo.